

# O PROBLEMA DA “ENUNCIÇÃO COLETIVA” COMO COMPONENTE DA SUBJETIVAÇÃO SEGUNDO DELEUZE E GUATTARI. Bárbara Keli Silva Santos, Hélio Rebello Cardoso Jr. – Inter-áreas - Psicologia - Departamento de História - Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

Considerando a linguagem como uma das formas mais expressivas da produção desejante Deleuze e Guattari embrenham-se nos caminhos da lingüística almejando restabelecer a potência criadora e enfatizar a multiplicidade inerente à linguagem. Neste caminho realizam encontros seminiais, dentre os quais a translingüística de Bakhtin destaca-se pela ampliação do conceito de enunciação.

Pretendemos com o presente trabalho determinar os pontos de encontro entre o pensamento de Deleuze/Guattari e a translingüística de Bakhtin, especialmente a respeito do papel que o conceito de “enunciação coletiva” desempenha para a linguagem; bem como das conseqüências da ampliação que Deleuze e Guattari imprimem a este conceito fazendo-o ressoar sobre as bases da concepção esquizoanalítica do inconsciente na forma do agenciamento coletivo de enunciação.

Na perspectiva da pragmática procuramos evidenciar a possibilidade de criação inerente à linguagem. Ressaltando o aspecto coletivo dos agenciamentos de enunciação, bem como a dimensão criadora da linguagem, mesmo em sua forma cotidiana, reafirmamos a importância da pesquisa da relação linguagem-subjetividade visando a reflexão acerca das teorias e práticas psicológicas.

## O signo ideológico e a palavra de ordem:

Em **Marxismo e filosofia da linguagem**(1929) Bakhtin busca uma apreciação marxista da linguagem. Para tanto, aprofunda seus estudos quanto à relação entre linguagem e sociedade.

Mesmo considerando a importância do componente não verbal do comportamento Bakhtin dá ênfase à palavra, porque sua capacidade de existir concomitantemente em todos os lugares pessoas e coisas, permite-lhe servir de trama para todas as relações sociais, denotando seu caráter de signo ideológico, e tornando-a o indicador mais sensível das transformações sociais.

Resumidamente, poderíamos afirmar que para Bakhtin a relação entre linguagem e sociedade se evidencia no fato da dialética interna do signo ideológico expressar a reciprocidade entre infraestrutura e superestrutura. Neste aspecto percebe-se que a formulação do conceito *signo ideológico* constitui um germe de cristalização do pensamento bakhtiniano, pois ao mesmo tempo em que fecunda ele retém o pensamento do autor.

O *signo ideológico* de Bakhtin nos remete à *palavra de ordem* de Deleuze e Guattari, para estes a unidade elementar da linguagem, o enunciado, se realiza como palavra de ordem. A palavra de ordem constitui uma função coextensiva à linguagem, uma vez que esta é a transmissão de palavra funcionando como palavra de ordem.

Deleuze e Guattari designam como palavra de ordem toda relação de qualquer palavra ou de qualquer enunciado com pressupostos implícitos, ou seja, com atos de fala que se realizam no enunciado e que podem se realizar apenas nele. As palavras de ordem não remetem apenas aos comandos, mas a todos os atos que estão ligados aos enunciados por uma “obrigação social”. Não existe enunciado que não apresente esse vínculo, logo a linguagem só pode ser definida pelo conjunto das palavras de ordem que percorrem uma língua num dado momento.

Para Deleuze e Guattari não existe enunciação individual nem sujeito de enunciação; poucos lingüistas analisaram o caráter necessariamente social da enunciação e Bakhtin foi um dos mais profícuos nesta tarefa<sup>1</sup>. A importância da translingüística de Bakhtin está em sua formulação da enunciação como discurso indireto.

Para instituir o caráter social da enunciação é preciso mostrar como a enunciação remete, por si mesma, aos agenciamentos coletivos, é necessário pensar a linguagem como *discurso indireto livre*, onde não há distinção de sujeitos e dos contornos dos enunciados, mas sim um agenciamento coletivo que determina os processos de subjetivação e as atribuições de individualidade moventes no discurso. Assim, só há individuação do enunciado e da subjetivação da enunciação, quando o agenciamento coletivo e impessoal o exige e determinam.

<sup>1</sup> C.f: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, vol.2, incluindo: "20 de novembro de 1923 – Postulados da Lingüística" e "587 a.C. – 70 d.C. - Sobre alguns regimes de signos". Tr. Br. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995. p.17

# **O PROBLEMA DA “ENUNCIÇÃO COLETIVA” COMO COMPONENTE DA SUBJETIVAÇÃO SEGUNDO DELEUZE E GUATTARI. Bárbara Keli Silva Santos, Hélio Rebello Cardoso Jr. – Inter-áreas - Psicologia - Departamento de História - Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.**

O agenciamento coletivo de enunciação não tem outros enunciados a não ser aqueles de um discurso sempre indireto. O discurso indireto é a presença de um enunciado relatado em um enunciado relator, a presença da palavra de ordem na palavra. O discurso direto é extraído do indireto, é um fragmento da massa e nasce do desmenbramento do agenciamento coletivo que se dá em decorrência de um agenciamento de enunciação molecular que não é dado na consciência individual e que não depende das determinações sociais mais aparentes.

Assim, para Deleuze e Guattari o caráter social da linguagem, isto é, a relação linguagem/sociedade é expressa no fato da linguagem ser constituída pelo discurso indireto livre e nos atos imanentes que a palavra de ordem promove através do agenciamento coletivo de enunciação.

## **A noção de interferência e as duas faces da linguagem:**

Segundo Tedesco, com a definição do discurso indireto livre como a primeira determinação da linguagem, como um contínuo heterogêneo de falas, responsável pela emergência das significações, a pragmática expande a noção de interferência, inaugurada por Bakhtin, a fim de melhor esclarecer a natureza dos encadeamentos estabelecidos entre as falas. Diferente de outros tipos de relação, geralmente sustentados na existência de uma unidade comum, homogeneizante, essa maneira de articular enunciações, apoiada na releitura de Bakhtin por Deleuze e Guattari, afirma-se, paradoxalmente, como relação irredutível entre heterogêneos.

Sendo a linguagem, toda ela, discurso indireto livre, diferenças dentro de diferenças, é a diferença que existe como sua condição, logo não se pode negar a presença da dimensão criadora em toda e qualquer enunciação. A partir desta constatação, Tedesco propõe uma distinção entre duas faces da linguagem, criação e produção, visando detectar o mecanismo que viabiliza a passagem de uma para outra. Acredita que é no conceito de agenciamento, no qual as relações entre a palavra e suas condições pragmáticas se realizam que se pode compreender tal mecanismo.

A tetralvência do agenciamento, sua organização em dois eixos e quatro segmentos se distribui por todo o campo da linguagem num movimento ininterrupto produzindo conexões que geram tanto modos de passagem quanto de bloqueio dos fluxos da matéria-signo.

No agenciamento em seu todo, a direção do movimento depende do conjunto geral dos enunciados em jogo, que podem seguir em duas direções: a da captura pelos estratos assimila os acontecimentos aos regimes segmentalizados amortecendo a variação. Já, na direção do processo de molecularização, a enunciação traça sua linha abstrata de criação fragmentando as composições enunciativas.

Tedesco considera que tais direcionamentos não comportam dicotomias e sim momentos distintos da operação de uma mesma máquina criadora, duas tendências que se misturam, linhas que se cruzam formando uma trama complexa na qual as direções não param de se reverter. Os processos de fragmentação e de segmentarização entrelaçam-se, trabalham em pressuposição recíproca produzindo, muitas vezes, efeitos híbridos.

A autora ressalta a reversibilidade sempre possível do processo, a oscilação que marca o movimento essencial à linguagem; demonstra que o desvio, fator que alimenta este movimento surge no não lingüístico, pois é pelo engesso nos estratos que o acontecimento se atualiza e faz sentir seus efeitos; é apenas na face voltada para os estratos que a enunciação toca os corpos, colocando-os em variação.

Como consequência da reversibilidade temos o duplo efeito da linguagem ordinária. De um lado, atualização nos corpos, produção das formas e das substâncias formadas nos estratos. De outro, criação, o movimento contínuo de variação. Na composição dos dois domínios, temos o processo de diferenciação aplicado aos corpos, produzindo desestabilizações nas substâncias formadas seja de expressão, seja de conteúdo. Portanto, é na circularidade entre seus dois domínios que a linguagem como enunciação ordinária assume seu funcionamento de máquina. Tomada como a arte de estabelecer conexões.

**O PROBLEMA DA “ENUNCIÇÃO COLETIVA” COMO COMPONENTE DA SUBJETIVAÇÃO SEGUNDO DELEUZE E GUATTARI. Bárbara Keli Silva Santos, Hélio Rebello Cardoso Jr. – Inter-áreas - Psicologia - Departamento de História - Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.**

**Considerações finais:**

Deleuze, ao tratar da obra de Kafka, afirma que seu ideal e de Guattari quando escrevem sobre um autor é não escrever nada que pudesse afetá-lo de tristeza. Quando pensam em um autor sobre o qual escrevem, pensam de modo tão forte que ele não pode tornar-se um objeto, e tão pouco eles podem se identificar com ele. Evitam a dupla ignomínia do erudito e do familiar. Levam ao autor uma pouca da alegria, da força, da vida amorosa e política que ele soube dar e inventar.<sup>2</sup>

É dessa maneira que Deleuze Guattari lêem, pensam e escrevem sobre Bakhtin, levam alegria e a força da vida, levam-no ao seu limite, transpondo as fronteiras do pensamento do autor. Atravessam as barreiras da ideologia, fazem o coletivo ressoar no social; vão do discurso indireto ao agenciamento coletivo de enunciação e assim, ultrapassam a translingüística propondo a pragmática da língua.

Afirmam a linguagem como um sistema de fluxos contínuos, recortados por agenciamentos que não comportam constantes, mas sim variação contínua e reversibilidade que revelam a potência de criação mesmo na palavra de ordem e na linguagem cotidiana. A partir da noção de interferência em Bakhtin desenvolvem a concepção de agenciamento coletivo de enunciação que se torna fundamental para a elaboração do conceito de inconsciente.

Mas o que a discussão a respeito dos postulados da lingüística tem a ver com o inconsciente? Assim como a linguagem, o inconsciente se constitui como agenciamento coletivo de enunciação e de desejo conectados à e por máquinas abstratas. Assim como a linguagem o inconsciente não comporta constantes, mas variação, imanência; não funciona por estruturas, mas por conexões rizomáticas. O inconsciente é definido como multiplicidade, rizoma que se amplia e autoproduz através da conectividade do desejo. Esta concepção rizomática possibilitou a elaboração de uma pragmática ou esquizoanálise capaz de constituir um inconsciente ativo.

Dado o aspecto coletivo dos agenciamentos de enunciação, eles abarcam e maquinam, em seus eixos estratificação e variação, uma multiplicidade de discursos que agem no inconsciente, tanto na esfera molecular quanto na molar; provocando constantes movimentos de territorializações e desterritorializações.

Dessa forma ressaltando o aspecto coletivo dos agenciamentos de enunciação, bem como a dimensão criadora da linguagem, mesmo em sua forma cotidiana, reafirmamos a importância da pesquisa da relação linguagem-subjetividade visando reflexão acerca das teorias e práticas psicológicas.

---

<sup>2</sup> Cf: DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuto, 1998. p.137.

**O PROBLEMA DA “ENUNCIÇÃO COLETIVA” COMO COMPONENTE DA SUBJETIVAÇÃO SEGUNDO DELEUZE E GUATTARI. Bárbara Keli Silva Santos, Hélio Rebello Cardoso Jr. – Inter-áreas - Psicologia - Departamento de História - Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.**

**BIBLIOGRAFIA**

BAKHTIN, M. (Voloshinov, V.N. -1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1992a.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, vol.2, incluindo: "20 de novembro de 1923 – Postulados da Lingüística". Tr. Br. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuto, 1998.

DELEUZE, Gilles, **Conversações**; tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

TEDESCO, S.H. (1999) **Estilo e subjetividade: Considerações a partir do estudo da linguagem**, Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.